Georg Simmel (1858-1918)

Berlim, família judia de industriais, doutorou-se em filosofia

Grande variedade de tema e de campos, nem sempre com grande rigor metodológico, mas fácil aceitação pública.

1. “A teoria do conhecimento da ciência social”

2. “Influência do número das unidades sociais sobre as características das sociedades”

3. “Superioridade e subordinação”

4. “A luta”

5. “O cruzamento de círculos sociais”

**1. “A teoria do conhecimento da ciência social”**

Conhecimento é prática humana que se transforma em conhecimento teorizante (teoria da teoria).

Teoria tem pouco valor. Importa mais fazer que saber como se faz.

A marcha da história põe tónica na investigação singular (conteúdos e significados) em não no método ou finalidades últimas.

Nos tempos modernos preexiste uma teoria que a prática imita, fixam-se esboços de uma ciência antes de partir para a sua efectiva construção.

A sociologia é construída com produtos de outras ciências, fornecendo-lhes um ponto de vista novo, de que deduz a sua especificidade (pontos de vista gerais, unidade do fim último, modo de investigação).

Noutras ciências a forma é dada directamente pelo material. Aqui dar-nos-emos por satisfeitos por uma delimitação aproximada do campo. Só uma ciência já completa pode construir-se de uma forma simples e clara.

O problema dado para a ciência social é o mais complexo, com muitas forças em equilíbrio.

Metafísica e psicologia: mesma medida de probabilidade e demonstrabilidade para proposições inteiramente opostas: Mundo uno vs individualidade absoluta. Materialismo mecanicista global vs ente espiritual. Amizade altruísta vs orgulho cruel. Distância física tanto pode aumentar os sentimentos de uma pessoa como fazê-los diminuir. Optimismo ou pessimismo podem estar na base de acções energéticas. O amor torna-nos receptivos a outros interesses e isola-nos contra os mesmos. Em resumo: não há clareza inequívoca da regra científica

Os próprios objectos de estudo já não são inequívocos. O falso é a apresentação de uma verdade parcial ser apresentada como verdade absoluta.

As mudanças da realidade que subjaz a um qualquer conceito podem continuar a ser incluídas no quadro do mesmo conceito, como variações de qualidade. Mas jogam-se simultaneamente tantas forças que a afirmação de nexos causais simples é sempre unilateral. Cada conceito tem um largo conjunto de acompanhantes.

Apesar disso seria errado querer negar valor científico à metafísica ou à psicologia. São percussoras de conhecimentos exactos.

Na mesma situação se encontra agora a sociologia. Cada afirmação não pode deixar de ser unilateral e as afirmações mais opostas podem ser confirmadas. Os objectos opõe total resistência à análise, não se deixam decompor. O mesmo fenómeno pode ser produzido por complexos de forças muito diversos. Não se pode inferir de uma igualdade entre dois estados a sua ocorrência noutra série. Esta indeterminação tem consequências nas questões sociais práticas. Não se pode falar de leis de evolução social - para o todo não há leis. Como reconhecer entre o portador da causa e do efeito?

Se só os indivíduos são realidades autênticas, então a sociedade evapora-se? O problema poderia consistir em compreender estados e movimentos enquanto essência da sociedade (apenas síntese ideal) que não poderia constituir objecto de uma investigação da realidade.

Perscrutar a multiplicidade que o indivíduo apresenta é uma das mais importantes condições prévias para a fundamentação de uma ciência racional. O homem é a soma e o produto dos mais variados factores (que a concepção evolutiva simplifica).

Seguir o individualismo até ao limite só fica a restar o átomo. O que se defende é a renúncia a substância unitária da alma e dos seus conteúdos. Nada mais resta que o pensamento formal, inteiramente vazio, sem pretender estar acima das representações singulares abarcando-as unitariamente. O próprio individuo é uma síntese subjectiva de materiais e organizações diversas. Devemos contentar-nos com a história e a regularidade dos conglomerados destacados da realidade pelas nossas categorias subjectivas de pensamento. A objectividade está na interacção das partes. Tudo está em interacção com tudo.

O problema é saber qual é a síntese científica conveniente, se a combinação processada é frequente. A sociedade é secundária relativamente às interacções reais com base nas quais se pode exprimir unidade. A sociedade é uma unidade de unidades divisíveis que estão em contacto mútuo, o que lhes dá uniformização. Assim a sociedade perde o seu carácter místico.

Sociedade são dois estados em luta: interacção onde acção própria favorece, além de fins próprios, eventualmente fins dos outros.

Todas as definições pretendem algo mais que descrever um conceito auto-construído. Em vez de formações fechadas podemos entendê-los como indicadores de realidades, como esboços que aguardam realização. De acordo com o que foi dito, duas pessoas entre as quais existisse uma relação efémera constituiriam, ainda assim, uma sociedade. Há apenas uma diferença de grau entre uma união frágil e uma formação objectiva com certa independência das personalidades singulares envolvidas na acção.

O universal tem duplo sentido: todos têm parte, mas nenhum possui. Entre a universalidade real e a ideal persistem relações muito profundas.

A doutrina evolucionista apoia-se nas semelhanças entre todos os seres para afirmar a improbabilidade de terem ocorrido sem ligação entre si. A unidade mística da sociedade parece insinuar-se de novo aqui, não se pode esconder tal dificuldade epistemológica. Certas realidades existem para além dos indivíduos, embora nada possa subsistir sem eles.

O universal, que liga os indivíduos a uma sociedade, está também em contraposição a cada um deles. Estas dificuldades podem resultar do hábito de pensar. Muito antes do mundo psíquico, foi o mundo exterior objecto de atenção. Agora usamos analogias com representações inteiramente inadequadas.

O nosso interesse não se centra nos conteúdos de vida que são universais, mas naqueles por via dos quais cada um se distingue.

**2. “Influência do número das unidades sociais sobre as características das sociedades”**

Desembaraçarmo-nos da ideia de a sociedade seria um ser único e acolher a ideia de que é um conceito abstracto e vazio. Cada sociedade concreta é uma combinação de individual de elementos e forças. A sociologia investiga como formas e funções simples e primárias são modificadas e especializadas pelas circunstâncias das sociedades particulares.

Quando mais as leis gerais forem determinadas por leis especiais mais nos aproximaremos dos fenómenos sociais concretos.

Trabalhemos a seguinte questão: a associação produz-se num círculo grande ou pequeno?

Com o número de indivíduos o estado psíquico de cada um é inevitalmente alterado.

Em todas as observações deste género tem faltado rigor.

Comparemos duas pessoas com uma sociedade de três pessoas.

Duas pessoas só para terceiros é uma unidade social. Para os próprios é uma relação pessoal. Numa sociedade maior o particular sente-se coberto por ela, comunidade na qual o indivíduo não tem responsabilidade. Isso não ocorre com duas pessoas, cuja relação exige de facto uma maior individualização, que diminui com a socialização. Com três pessoas, duas formam um partido contra a terceira, a dois isso não ocorre.

A tríade também tem a sua significação particular: um deles pode atingir um poder muito elevado com o equilíbrio dos outros dois. As suas relações não são pessoais, mas de grupo.

Número dez, é o número dos dedos, de onde de deduz a centena, termos usados para nomear grupos estritamente unidos, apesar das variações reais do número dos seus elementos.

Nos estados de sítio ou para entradas em recintos públicos são, por vezes, arbitrados números (máximos ou mínimos) que passam, por esse facto, a ser investidos de poderes e representações sociais específicas de colaboração ou antagonismo.

Quando se estabelece numa sociedade um número mínimo, máximo ou desejável supõe-se a insuficiência dos indivíduos.

**3. “Superioridade e subordinação”**

Em geral, o interesse de determinar o outro está ligado ao interesse de que algo reverta sobre si próprio. O interesse pelo outro é sempre também um interesse por nós próprios. O egoísmo é outra coisa. No limite é a absoluta indiferença, sem sombra de colaboração socializadora.

Os operários, face ao desequilíbrio de poder face aos empregadores, estão entregues uns aos outros. Por isso a moral de não utilizar uma pessoa como simples meio é a fórmula de toda a socialização.

Não se pode eliminar completamente a espontaneidade (a liberdade pessoal) de uma relação de subordinação. A autoridade não se reduz a um mero ter-que-se-submeter.

Cada personalidade ganha prerrogativas e adquire autoridade objectiva ao longo do seu desempenho. Da mesma forma, de cima, a autoridade pode descer sobre uma pessoa. E funciona a crença de que as pessoas estão sujeitas, mais ou menos voluntariamente, às autoridades.

Prestígio não é autoridade. Advém da personalidade pura, e a autoridade emana da objectividade de normas e poderes. Pode arrastar as massas, mas permite crítica dos seguidores (em forma de homenagem). Prestígio contém sempre consciência da espontaneidade - liberdade.

Os chefes também são conduzidos, como é o caso do jornalista que parece influenciar o público, mas o público produz acção recíproca. Mesmo no caso do despotismo ilimitado, quem se submete deve ter o direito de, por seu lado, exigir algo do déspota.

A verificação de que a tirania de uma colectividade sobre um seu membro é pior que a de um príncipe explica-se pela supressão do momento de reciprocidade. Não existe qualquer frente a frente. Lex significa, etimologicamente contrato que o rei propunha e o povo aceitava, excluindo acção recíproca, já que só ao rei era permitido falar ao povo.

Pretendeu-se mostrar o carácter sociológico e sociogénico das relações de superioridade e de subordinação (seja mecânica ou espontânea).

**4. “A luta”**

A luta deve ser considerada uma socialização, caminho para chegar a qualquer espécie de unidade, mesmo pela aniquilação de uma das partes. A luta está dirigida para a paz.

Tanto a recusa como a diluição da socialização são negações.

Parecia haver apenas indivíduos e sociedades, a luta não teria lugar próprio. Só a unidade seria objecto, mas a história real também actua contra a unidade. A contradição e a luta pertencem à unidade e actuam a cada momento da vida. E não são meras instâncias passivas ou negativas.

Resulta de um mau conceito de unidade, afinal totalidade em que inserem pessoas, energias, grupos, unidades e dualidades. Luta desempenha um papel positivo, descontando o que ficou destruído.

Os casamentos conflituosos não o são menos que os pacíficos. O sistema de castas assenta na hierarquia e na repulsa mútua. Se não pudéssemos opor-nos à tirania e à obstinação não seriamos capazes de suportar relações com pessoas que nos fazem sofrer. A opressão costuma crescer quando a suportamos sem protesto. A oposição afirma a nossa energia.

A oposição é membro da própria relação. No modo de viver da grande cidade aquilo que surge como dissociação é, na verdade, apenas uma forma elementar de socialização.

**5. “O cruzamento de círculos sociais”**

Pensamento desenvolvido e pensamento elementar: diferentes motivos de associaição entre representações.

A princípio basta coincidência casual. Depois passa a basear-se no conteúdo das representações.

Analogia com a relação dos indivíduos entre si: acaso do nascimento; vai estabelecendo laços com personalidades fora do círculo social inicial, onde as relações de .contaúdo passam a ser mais importantes.

O número dos vários círculos a que o indivíduo está ligado é aferidor de cultura: família, mulher, profissão, cidadania, camada social, contactos sociais. Como um sistema de coordenadas, que deixa um campo de acção vasto à individualidade.

Um objecto perde individualidade quando submetido a um conceito geral, recupera-a quando outros conceitos permitem classificá-lo sob outras categorias. Após a síntese do subjectivo ter gerado objectivo é a vez da nova síntese do subjectivo produzir uma nova e mais elevada subjectividade, recuperar a sua especificidade através dos círculos sociais que nela individualmente se cruzam na personalidade.

Pertencer a vários círculos sociais ameaçam o indivíduo de dualismo psíquico e dilaceração. Mas não é prova contra o efeito de consolidação e reforço da unidade pessoal.

Os círculos actuam sucessiva e independentemente. As associações medievais ocupavam o homem todo. O enriquecimento do indivíduo era limitado, mas suficientemente grande. Na modernidade, quanto menos a participação num círculo indiciar a participação noutro, mais firmemente a pessoa se define na intersecção de ambos. A possibilidade de individualização cresce, pois, a mesma pessoa pode ocupar posições relativas muito diferentes e simultaneamente em cada círculo.

Espírito público proporciona um espaço de reunião e cooperação aos vários aspectos de uma personalidade multifacetada, aproximação equilibrada entre colectivismo e individualismo.

A sociedade nasce dos indivíduos e os indivíduos também nascem da sociedade.

Caderno 4

Texto 3 - Marc Sagnol “Le statut de la sociologie chez Simmel et Durkheim”

Texto 4 - Salvador Mas “Simmel o la autoconsciência da la modernidad”

**Texto 3 - “Le statut de la sociologie chez Simmel et Durkheim”**

Os problemas discutidos há cem anos são ainda actuais.

De tradições diferentes são, cada um à sua maneira, fundadores de uma mesma ciência nova, cada um na sua nação. Têm, portanto, pontos em comum. Passamos a uma crítica das estratégias de fundação da sociologia destes autores.

1. A sociologia como síntese das Geisteswissenschaften

Hesitações de Simmel sobre o estatuto da nova ciência e o facto de colocar o método à cabeça é surpreendente: “Sociologia ciência eclética constituída por produtos de outras ciências. Ciência de segundo grau caracterizada por um novo ponto de vista sobre os factos conhecidos”. Não é mais do que a filosofia das ciências sociais, uma constatação de impotência. “Temos de nos contentar como uma delimitação aproximada do domínio.

Continuando a hesitar sobre a definição do objecto da sociologia, Simmel está consciente de que não é possível apanhar a sociedade, o que não quer dizer que baste estudar os indivíduos que a compõe. Sociedade é um todo sintéctico que não existe a não ser no nosso espírito. Simmel procura as suas componentes e os processos dinâmicos dum ponto de vista não histórico, mas lógico, interno, sincrónico, quotidiano: Interacções e acções recíprocas.

Estamos muito próximos do facto social de Durkheim. Onde Durkheim mais se aproxima de Simmel é quando distingue uma sociedade da soma dos indivíduos, pelo fenómeno de associação (igual a interacção ou socialização em Simmel).

No fim do século XIX as intuições de ambos os autores sobre a especificidade do social estão ainda próximas. Simmel estuda a génese das formas de interacção entre os indivíduos e como tais formas se mantêm, a maneira como o indivíduo é obrigado a diferenciar-se para melhor se socializar. Durkheim examina os factos sociais independentemente da sua génese. Simmel apresenta o método genético e Durkheim o exame científico da coisificação dos factos sociais. A evolução dos seus pensamentos leva-nos a direcções opostas.

2. Sociologia como ciência autónoma

Simmel hesita entre a procura de um objecto para a sociologia através de um método puro (sociologia eclética) e a sociologia com um objecto próprio do conjunto das ciências humanas sem especificidade e autonomia. A sociologia teria o mesmo estatuto científico que a indução, por exemplo.

Do conceito de interacção (Tonnies usa em exclusivo para comunidades) introduz o de forma de socialização e dá à sociologia a tarefa de extrair as formas dos seus conteúdos, “como na psicologia”.

Sociedade será todo o lado onde haja interacção de indivíduos, deixe ou não traço objectivo ou objectivável. Trabalho de filósofo, quando se pretende emancipar a sociologia da filosofia.

Sociologia formal será comum a diversas sociedades. Como se pudéssemos isolar formas e conteúdos. Simmel não dá nenhuma indicação a que se pareceria tal ciência, já que parece impotente para produzir provas.

O conceito de interacção, a que forma parece quer substituir, é-me mais claro. e produtivo. A dominação e a subordinação ou a divisão de grupos em partidos são formas de interacção social. “Como é possível a sociedade?”, pergunta-se. A síntese social acontece entre os membros da sociedade e não na cabeça do observador. A interacção inspirou toda a sociologia americana.

Mas a sociologia não pode ser outra coisa, para Simmel que uma filosofia das ciências sociais.

3. Sociologia e psicologia

Não tendo método próprio a propôr serviu-se da psicologia, o que revela a sua incapacidade de fundar uma ciência nova, como a mecânica serve à física e à química. Durkheim defende a teoria inversa.

“Psicologia social distinta de psicologia individual, mas não uma sociologia sem psicologia”

Durkheim responde-lhe aproximando-se (fim do século XIX). Dirá que exprimem o mesmo pensamento por formas diferentes. Representações colectivas=psicologia colectiva, numa evolução anti-positivista de Durkheim, que lia autores alemães. É nessa ocasião, paradoxalmente, que Durkheim ataca Simmel violentamente.

4. A sociologia como corpus das CS (Durkheim e Fauconnet)

Durkheim diz que é preciso romper com a ideologia metafísica para emancipação da sociologia, critica a distinção entre forma e conteúdo, e diz ser preciso distinguir as ideias e as acções colectivas - estas devem ter leis especiais. Acusa Simmel de reduzir o social ao individual (o que Simmel nunca escreveu).

Durkheim repete aquilo que era implícito em Simmel. Simmel queria analisar de perto a sociedade, não reduzindo-a ao indivíduo, mas à mais pequena interacção, à mais pequena sociedade. Sociologia microscópica que estuda a sociedade em estado nascente.

Sociologia não é nem um termo genérico nem uma ciência distinta das outras CS, faz parte de um corpus de CS.

Para Durkheim há uma mudança radical de método e de organização: as ciências positivas. Para Simmel as CS exigem um método diferente das ciências da natureza, as ciências positivas.

A sociologia trata das formas abstractas e as outras CS tratam das socializações concretas.

Ciência autónoma e objecto abstracto e fluído para Simmel. Ciência englobante para Durkheim.

Na prática Simmel não foi capaz de construir um edifício científico e acentuará de futuro o aspecto mais filosófico e metafísico da sua sociologia.

5. Da sociologia à metafísica

Potência prática que as massas conseguiram durante o século XIX. A descoberta de que o homem vive em interacção e que a história ou a religião não é mera expressão de individualidades. Durkheim conclui pela necessidade de integrar todas as outras ciências e Simmel diz que sociologia é um novo método.

Sociologia deve ser ciência autónoma com objecto próprio: um complexo de relações e determinações de que cada uma pode vir a ser objecto de uma ciência particular. Tais objectos já existem, mas é preciso definir-lhes o conceito, separando forma e conteúdo.

Uma interacção produz socialização. Socialização é tudo o que conduz à produção de interacções: instintos, interesses, objectivos, inclinações, estados e movimentos psíquicos. Tais conteúdos não são imediatamente sociais, mas materiais de que a vida é composta, que não são socialização: formas determinadas de coordenação e cooperação.

Esta separação do inseparável através da abstracção científica é a sociologia: exemplos: concorrência, subordinação, divisão de trabalho, interesse económico, organização planificada, etc. Todas as outras CS foram fundadas em função dos centeúdos.

Não é, pois, o objecto que distingue a sociologia, mas o seu modo de abstracção (a vida tem o seu lugar por entre as células e os órgãos).

Microsociologia antes dela mesma. À procura do que ainda não está cristalizado. Os fluxos e os pulsares estão cada vez mais presentes em Simmel. Em 1890 rejeitava os encontros efémeros e em 1894 junta-os aos fenómenos duráveis e em 1908 exclui praticamente da sua sociologia as formações intelectuais cristalizadas, como se as críticas de Durkheim tivessem antecipado o seu percurso. “Simples variações filosóficas sobre certos aspectos da vida social”

Simmel diz ser a CS delimitada por dois domínios filosóficos: a teoria do conhecimento e a metafísica. Deveremos concluir que a especulação é indispensável à sociologia?

Conclusão

1890 as suas posições são próximas. Após os ataques de Durkheim, Simmel não responde nem se defende contra certas acusações pertinentes de Durkheim. O objecto que atribui à Sociologia é muito abstracto e filosófico. Justapõe duas definições: sociologia como método e como ciência. Continuamos sem saber o que é sociologia.

A filosofia do dinheiro é um texto charneira. Cristal do pensamento de Simmel, entre o materialismo histórico e a filosofia da vida. (forma e vida).

Produziu conceitos como: interacção, microsociologia, sociologia da grande cidade, sociologia do conflito, da cultura, estudo de problemas de reificação, sociologia da religião.

Duas estratégias diferentes de fundação da sociologia, duas respostas diferentes às relações entre a sociologia e as outras CS. Nenhum destes problemas está resolvido.

**Texto 4 - “Simmel o la autoconsciência da la modernidad”**

Resumo: de forma impressionista, na Berlim cosmopolita do pós-guerra, Simmel, um outsider social, esclarece a natureza da sociedade moderna, uma existência social sem raízes, sem empenhos ou propósitos. Não houve escola, mas influenciou interaccionistas, sociologia formal e do conflito. Na filosofia do dinheiro concentra-se na alienação e na racionalização.

Simmel foi considerado brilhante no seu tempo.As suas conferências tiveram grande impacto intelectual nos salões berlinenses e num grupo de intelectuais de grande gabarito (nomeadamente Weber e Luckacs).

1. A sociologia de Simmel

Três temas principais: relacionalismo, socialização e formas sociais.

a) Relações com a totalidade (dinheiro como instituição social). Dinheiro conduz-nos no interior da sociedade revelando-nos o seu funcionamento total. A estrutura social dá-nos um contexto. Nada é trivial porque tudo está ligado.

b) procura evitar individualismo metodológico e holismo social. Não se pode compreender nem o indivíduo nem a sociedade sem se começar pela interacção social. As estruturas sociais são forjadas nos processos de socialização.” a troca é uma das funções que cria relações entre pessoas - a sociedade - em vez de uma mera colecção de indivíduos. Sociedade não é uma entidade absoluta que precisa de existir primeiro”.

c) as formas da vida social têm uma lógica própria, separável dos conteúdos concretos. Cultura são estruturas reificadas congeladas. A natureza dual do dinheiro: substância e movimento/função: reificação de troca entre pessoas, incorporação de uma função pura.

A Filosofia do dinheiro estuda como o dinheiro se tornou um instrumento autónomo e determinante nas relações sociais.

A Filosofia do dinheiro

Critica da economia política de Marx, com base na epistemologia neo-kantiana dominante nas CS do fim do sec passado. Mais tarde abraçou o anti-racionalismo.

Argumento central: a) Transição histórica entre moeda simples e complexo sistema monetário corresponde a uma evolução social da comunidade para a sociedade b) Dominância do dinheiro representa predominância de relações sociais abstractas e impessoais c) Dinheiro cria maior liberdade interpessoal, objecto de regulações burocráticas e quantitativas (dinheiro é simultaneamente consistente c/ individualismo e individualização).

Dinheiro é medida e pura função, tornado possível pelo crescimento da confiança. “A estabilidade e confiança geral nas interacções culturais influenciam o aspecto externo do dinheiro”. Adquire um significado funcional de confiança inter-social.

Centralização crescente do poder social no Estado e individualização dos cidadãos são representados simbólicamente através de uma maior abstracção. Troca entre pessoas e grupos não está agora dependente da sociabilidade ou da presença física. Com o dinheiro não há limite para a quantificação da actividade humana. O dinheiro é a base da intelectualização e da secularização da existência. Mina o poder do mundo tradicional. “Os elementos pessoais ainda não foram completamente excluídos. (...) tudo está cada vez mais dependente do desempenho e menos dependente da personalidade. A divisão de trabalho moderna aumenta o número de de laços de dependência”.

A arregimentação quantitativa das pessoas é um aspecto do controlo social (uma das consequências negativas do dinheiro.

Reificação, alienação e objectivação transformam o dinheiro, de um meio, num fim em si mesmo, um valor psicológico absoluto.

Marx, Lukács e Weber

A perspectiva de Lukács depende em larga medida da sociologia de Simmel. (1) enfase na sociedade enquanto totalidade expressiva (2) analise separada das formas (3) reconhecimento de que o capitalismo eleva o individualismo à maior importância ideológica ao mesmo tempo que mina a autonomia individual.

Simmel e não Lukács redescobriu a alienação de Marx no tratamento do dinheiro. Como Simmel, Marx entendia o dinheiro como uma abstracção das relações sociais. Marx argumentou que o crescimento da confiança e do crédito económico tomaram o lugar da moralidade: como a religião, o dinheiro é expressão de um mundo de pernas para o ar. Para Marx o dinheiro refletia e reificava as relações de troca. “Produtores tornaram-se dependnetes da troca”. O dinheiro incarnou o poder social. “Embora o dinheiro seja uma mercadoria, ele nivela tudo, acaba com todas as distinções entre mercadorias. O poder social que representa é o poder privado de pessoas privadas”.

Fetichismo (objecto concreto que representa uma abstracção) liga Marx e Simmel, a metáfora religiosa. Dinheiro converteu-se na representação da sociedade no seu todo.

O impacto principal de Simmel na teoria social moderna foi através de Weber: método interpretativo, embora com correcções no tratamento do significado subjectivo e objectivo; ética económica; o método de transcender a construção ahistórica do ideal-tipo. Weber criticou Simmel: falha em distinguir “economia monetária” e “capitalismo” enquanto sistema socio-económico. Mas o tema da racionalização em Weber é uma extensão mais elaborada do tema do dinheiro em Simmel.

Racionalização envolve a separação entre trabalhadores manuais e intelectuais dos meios de produção. Racionalização inclui alienação enquanto base de cálculo e disciplina, envolve intelectualização. O domínio do perito sobre as autoridades tradicionais nas esferas da moralidade, relações sociais e comportamentos interpessoais. Racionalização resulta numa prisão de ferro onde a individualidade é impressa com a individuação. Os valores absolutos entram em colapso com a onda de relativismo moderno, com a ética do cálculo, com a racionalidade instrumental.

Estas 4 dimensões da racionalização pressupõe a existência de uma economia monetária. Dinheiro é efeito e condição da racionalização. A economia capitalista não teria lugar sem uma economia monetária. Protestantismo tornou o dinheiro limpo, pelo menos religiosamente neutro. Para Weber o desenvolvimento do dinheiro está profundamente associado ao carácter do capitalismo moderno. Weber estava interessado na relação entre racionalização e capitalismo e não na moralidade do sistema monetário. Com Simmel preocupou-se com a essência (metafísca) da individualidade numa sociedade administrada.

A penetração do dinheiro abstracto é precondição da alienação humana e principal ilustração da reificação das relações sociais.

Para Simmel e Weber o socialismo seria não o fim da reificação (como em Marx) mas a saída lógica do processo de racionalização burocrática ligado às relações abstractas.

Conclusão

As formas culturais negam a vontade, assiste-se à desvalorização dos valores (Nietzsche).

Em Marx será a produção mais que as condições de mercado, em que o dinheiro servia de mediador das relações sociais. Simmel inspirava-se em Nietzsche e no formalismo neo-kantiano. Facilmente assumia preconceitos económicos existentes sobre o dinheiro e a troca. O fatalismo de Weber era partilhado por Simmel, em que as intenções eram sempre subvertidas pelas consequências.

Dinheiro desenvolve-se porque torna a gestão orçamental mais racional, facilita o cálculo do lucro exacto e, por isso, estimula iniciativa empresarial. A economia de Weber não se funda na noção de necessidade humana, em contraste com Simmel para quem o dinheiro é um mediador da experiência humana da realidade social. Ainda hoje não temos uma teoria do dinheiro bem desenvolvida.

Uma contribuição importante de Simmel foi uma análise sociológica sobre o papel do dinheiro enquanto instituição.